



AMÉRICAS

Cresce tensão entre EUA e Venezuela

Casa Branca promete usar todo o poder contra os cartéis de narcotráfico, e presidente Nicolás Maduro mobiliza 4 milhões de milicianos para fazer frente à ameaça representada pelo envio de três destróieres americanos para a costa venezuelana

» RODRIGO CRAVEIRO

Juan Barreto/AFP



Envio de três destróieres norte-americanos com 4 mil marines (fuzileiros navais) para as águas do Caribe, perto da costa da Venezuela, e a mobilização de 4 milhões de milicianos pelo regime de Nicolás Maduro elevaram a tensão na América Latina a um novo patamar. A previsão é de que as embarcações militares dos Estados Unidos se aproximem do litoral venezuelano amanhã. O presidente da Venezuela anunciou que as milícias estão "preparadas, ativadas e armadas". "Vamos seguir avançando no plano de ativação das milícias camponesas e operárias, com corpos de combatentes operários em todas as fábricas e locais de trabalho do país. (...) Fuzis e mísseis para a força camponesa! Para defender o território, a soberania e a paz da Venezuela. Mísseis e fuzis para a classe trabalhadora, para defender nossa pátria", acrescentou. Composta por cerca de 5 milhões de reservistas, a Milícia Nacional Bolivariana da Venezuela é um ramo das Forças Armadas criado pelo ex-presidente Hugo Chávez em 2005.

Segundo o jornal *El Universal*, de Caracas, o líder venezuelano também fez um chamado às Forças Armadas da Colômbia para uma aliança em caso de ataque dos EUA. "Fomos um só exército e, por isso, conquistamos a independência e a liberdade. (...) Nenhum império voltará a tocar a terra sagrada de (Simón) Bolívar. É humilhação suficiente que haja bases nessas territórios", declarou Maduro.

Horas depois do discurso de Maduro, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, avisou: "O presidente (Donald) Trump tem sido muito claro e consequente: está disposto a usar todo o poder para deter a entrada de drogas no nosso país". E complementou: "Maduro não é um presidente legítimo". O governo Trump não reconhece Maduro como chefe de Estado e o acusa de colaborar com o tráfico

de drogas. "Ele é um dos maiores narcotraficantes do mundo e uma ameaça à nossa segurança nacional", acusou a procuradora-geral Pam Bondi. Washington também aumentou a recompensa pela captura de Maduro de US\$ 25 milhões (cerca de R\$ 137,5 milhões) para US\$ 50 milhões (R\$ 275 milhões). Os EUA acusam o venezuelano de ser chefe do Cartel de Soles, que considera ser uma organização terrorista. A presidente do México, Claudia Sheinbaum, fez coro "contra o intervencionismo" e criticou

a presença de forças militares dos EUA no Mar do Caribe.

Debandada

Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), desqualificou o que Maduro chamou de "milicianos". "Eles não podem ser considerados uma força militar séria. São civis que receberam certo treinamento, mas não creio que sejam capazes de

Anna Moneymaker/Getty Images/AFP



Fuzis e mísseis para a força camponesa! Para defender o território, a soberania e a paz da Venezuela"

Nicolás Maduro, presidente da Venezuela

O presidente (Donald) Trump tem sido muito claro e consequente: está disposto a usar todo o poder para deter a entrada de drogas no nosso país"

Karoline Leavitt, porta-voz da Casa Branca

manejar armas em um conflito sério, nem estariam dispostos a imolar-se por Maduro em uma situação tão crítica como a que a Venezuela atravessa", explicou ao *Correio*. Ele acredita que, em uma situação de combate, esses milicianos partiriam em debandada.

Aumaitre não descarta uma reedição do que ocorreu na Líbia em 2011. "Não estranhe se estiver sendo criada uma situação similar à da Líbia, quando o exército de Muamar Khadafi foi dizimado

por ataques cirúrgicos das potências, incluindo Itália e França. Ante o poderio militar, Khadafi viu-se forçado a abandonar o palácio e foi executado pela população", afirmou. "Maduro está em situação parecida. É uma pessoa disposta a ficar no poder a todo custo. Sabe que, se deixar o cargo, será preso. Prefere converter a Venezuela em seu cárcere, ao estilo de Pablo Escobar na Colômbia", acrescentou, ao citar o chefe do narcotráfico.

Cientista político e presidente do

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Os Estados Unidos querem criar uma condição, dentro da Venezuela, na qual aquelas pessoas que se opõem a Maduro sintam-se, de alguma maneira, protegidas por qualquer ação que decidirem tomar contra o regime. O sentimento geral é o de que Maduro roubou as eleições, e a população não o quer mais no poder, pois trata-se de um péssimo presidente."

Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas)

Observatório da Venezuela da Faculdade de Estudos Internacionais, Políticos e Urbanos da Universidad del Rosario (Colômbia), Ronal Rodríguez disse não acreditar que a solução para a crise no país de Maduro envolva a força, mas admite que as milícias venezuelanas têm uma certa permeabilidade em relação à guerrilha Exército de Libertação Nacional. "O grupo colombiano poderia se unir às milícias para defender a revolução bolivariana. Há uma complexa equação, onde existem múltiplos fatores que alteram o resultado. A resposta dos Estados Unidos à mobilização de milicianos faz com que não seja desejável uma ação militar", avaliou ao *Correio*.

Para Rodríguez, os Estados Unidos atuarão de forma racional e não emocional. "Isso tem muito peso dentro do que é a nova política externa americana, que impõe problemas aos seus aliados cada vez que Trump decide operar em uma direção ou outra", observou. Ele lembrou que o presidente dos EUA tem o afã de obter resultados para ampliar a própria popularidade e, por isso, cre que ele priorizaria a via diplomática.

UCRÂNIA

Trump descarta tropas e avalia apoio aéreo

A hipótese de forças de paz dos Estados Unidos na Ucrânia durou menos de 24 horas. O presidente Donald Trump recuou e descartou o envio de tropas americanas para a ex-república soviética. Ao mesmo tempo, admitiu ampliar o suporte aéreo a Kiev. Enquanto isso, os aliados ocidentais começaram a negociar garantias de segurança para a Ucrânia, antes de uma eventual cúpula com a Rússia.

Na segunda-feira, Trump foi o anfitrião de um esforço diplomático para pôr fim à guerra, ao receber o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e os principais líderes europeus. Na sexta-feira passada, ele havia se encontrado com o russo Vladimir Putin. De acordo com Trump, Putin concordou em se reunir com Zelensky e aceitar algum tipo de garantias de segurança ocidentais para a Ucrânia frente à Rússia. O Kremlin não tinha confirmado a informação.

Líderes europeus e Kiev receberam as promessas com extrema cautela. Três fontes próximas de Trump que acompanharam o telefonema com Putin, na Casa Branca, relataram que o russo propôs a cúpula com Zelensky em Moscou. No entanto, o ucraniano teria rejeitado

imediatamente a sugestão.

Trump, que tem criticado duramente os bilhões de dólares em apoio americano à Ucrânia desde a invasão russa em 2022, afirmou que as nações europeias tomariam a iniciativa enviando tropas para assegurar qualquer acordo, uma ideia que França e Reino Unido têm considerado. "Quando se trata de segurança, eles estão dispostos a colocar gente no terreno", disse o republicano à emissora Fox News. "Estamos dispostos a ajudá-los com coisas, especialmente, provavelmente, se falamos de apoio aéreo, porque ninguém tem o tipo de coisas que nós temos, realmente, eles não têm", acrescentou.

Ele também "garantiu" que não serão implantadas tropas terrestres americanas na Ucrânia e descartou categoricamente, mais uma vez, que a Ucrânia se una à aliança militar ocidental Otan. Após as conversas com Trump, o presidente francês, Emmanuel Macron, e o premiê britânico, Keir Starmer, reuniram cerca de 30 aliados da Ucrânia, conhecidos como a "coalizão de voluntários", para consultas virtuais.

Starmer informou-lhes que as equipes da coalizão e funcionários americanos se reuniriam nos

Roman Pilipey/AFP



Familiares e colegas jogam terra sobre o túmulo da soldado Nataliia Ilnytska, enquanto padre reza, em Irpin

próximos dias para debater as garantias de segurança e "se preparar para o desdobramento de uma força de segurança, caso as

hostilidades cessem", declarou um porta-voz de Downing Street. Os líderes também debateram como se poderia exercer maior pressão

sobre Putin, inclusive mediante sanções, até que demonstrasse disposição em tomar medidas sérias para pôr fim à sua invasão. Os

chefes de Estado-Maior dos 32 países membros da Otan se reunirão por videoconferência, hoje, para falar sobre a Ucrânia, informaram as autoridades.

Genebra

A Rússia advertiu que qualquer solução deve proteger também seus próprios interesses. O ministro das Relações Exteriores russo, Serguei Lavrov, declarou à televisão estatal que um acordo deve garantir os direitos das pessoas de língua russa que vivem na Ucrânia, argumento usado por Moscou para justificar a ofensiva lançada em fevereiro de 2022. "Mudanças territoriais são, frequentemente, um componente essencial de resoluções de conflitos."

Macron indicou ao canal de notícias francês LCI que desejava que a cúpula bilateral fosse realizada em Genebra, um lugar histórico para conversas de paz. O chanceler suíço, Ignazio Cassis, afirmou que seu país ofereceria "imunidade" ao presidente russo, apesar da ordem de detenção internacional. Macron e o chanceler alemão, Friedrich Merz, afirmaram que a reunião entre Putin e Zelensky pode acontecer em duas semanas.